

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Petistas já põem na berlinda a Comunicação da campanha de Lula

Já se discute dentro da campanha de Lula à reeleição, com seriedade, a possibilidade de derrota nas urnas em outubro. Antes, essa hipótese não era levada em conta, mas agora já está dividindo os petistas.

No comando do partido, ganham corpo os defensores de uma campanha mais dura contra o candidato do PL, Flávio Bolsonaro, e seus aliados. Especialmente uma campanha mais dura contra o ministro André Mendonça, do STF, considerado o mais perigoso opositorista do momento.

O chefe da equipe de comunicação da campanha petista, Sidônio Palmeira, tornou-se alvo de críticas de bastidores por não ter utilizado armas mais contundentes. Até agora, a estratégia de Sidônio tem sido a de desenhar Lula como um moderado, com o objetivo de atrair o apoio dos eleitores indecisos.

Além disso, a comunicação da campanha não conseguiu convencer o eleitorado, segundo as pesquisas, de que a situação econômica do país no governo Lula é significativamente melhor do que no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, pai de Flávio. Bastava insistir na comparação dos índices de emprego, crescimento econômico e distribuição de renda entre os dois governos dizem integrantes da cúpula petista. Sem contar os estragos que

lembrar as 700 mil mortes pela Covid pode fazer na lembrança do governo Bolsonaro.

Uma liderança petista reclama com a coluna de que o eleitor praticamente esqueceu do período em que havia pessoas correndo atrás dos caminhões de lixo para catar ossos e restos de alimentos.

Sidônio, segundo ele, ficou preso ao discurso da soberania do país. Tudo bem, isso funcionou durante o período de ataque frontal do presidente dos EUA ao Brasil, nos primeiros momentos de responsabilização da família Bolsonaro pelo tarifaço.

Mas os festejos de 7 de Setembro centrados neste tema não conseguiram comover a população. Pelo contrário, os bolsonaristas conseguiram mobilizar mais seus adeptos do que os defensores do governo para as manifestações pelo país.

E o desempenho do ministro André Mendonça é visto como a grande derrota do momento na campanha. Mendonça conseguiu colocar contra a parede seus adversários no Supremo Tribunal Federal, carimbando-os como aliados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) Ele devolveu aos bolsonaristas a bandeira do impeachment de ministros do STF, que havia se esvaziado nos últimos meses. Tornou real o risco de crise institucional e de eleição de senadores favoráveis ao afastamento de integrantes da Corte supostamente aliados ao Palácio do Planalto.

Também divide os governistas a ideia de convocar o Conselho da República para solucionar a crise no STF. Flávio Bolsonaro comparou a convocação com as acusações de que seu pai tentou dar um golpe de Estado ao propor um Conselho com poderes sobre o STF.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

As pipocas de Daniel Vorcaro

Preso, Daniel Vorcaro deve lamentar não poder encomendar sacos e sacos de pipoca para melhor acompanhar o desenrolar da trama deflagrada a pouco mais de um mês da eleição pelo ministro André Mendonça; uma novela capaz de, no limite, gerar anulações capazes de beneficiar o ex-banqueiro.

Os tiros trocados nos últimos dias por Mendonça e Alexandre de Moraes, também do Supremo Tribunal Federal, incluem acusações de pedaladas processuais que têm o potencial de indicar a parcialidade da Justiça em relação ao réu e assim provocar a anulação de todas as provas contra ele.

As pra lá de suspeitas relações de Moraes com o Master foram explicitadas em dezembro — quando surgiram as cifras envolvidas no contrato entre o escritório de sua mulher com o banco — e ressaltadas em março, com a publicação de gravíssimas mensagens enviadas por Vorcaro ao integrante do STF.

Durante mais de cinco meses, o assunto hibernou, favorecido por um sigilo que continua a proteger o ministro Dias Toffoli e a manter confinadas na cocheira informações sobre o caso “Dark Horse”.

No último dia 24, porém, o relator do inquérito do Master deu 72 horas para a Polícia Federal atuar como uma espécie de Chat GPT e fazer um apanhador do caso, relatório que deveria explicitar nomes de suspeitos, inclusive os de detentores de prerrogativa de foro no STF. Como qualquer outro brasileiro

que não tivesse passado oito meses em Marte, Mendonça não poderia desconhecer que o levantamento incluiria o nome de Moraes.

Mendonça tornou público o caso e solicitou ao STF investigação contra o colega de corte. Acuado, Moraes foi para o contra-ataque com as armas utilizadas pelo adversário: encomendou à mesma PF levantamento que explicitasse supostas irregularidades cometidas por Mendonça. Irritado, este reagiu: como não poderia punir o colega, afastou de seus cargos os policiais que cumpriram ordens.

A crise na suprema corte seria traumática por si só, mas a proximidade da eleição transforma o caso em uma absurda interferência no processo de escolha do futuro presidente da República, algo que remete à atuação do então juiz Sérgio Moro em 2018.

O presidente Lula não foi o responsável pela ida de Moraes para o STF, mas a condução do processo contra os golpistas gerou uma inegável aproximação entre eles. O fato de o ministro ter atuado para, de maneira incompatível com suas funções, reaproximar Lula do presidente do Senado, Davi Alcolumbre, só piora a situação.

Indicado por Jair Bolsonaro para o STF, Mendonça virou, nos últimos dias, ícone da direita: em forma de boneco inflável, foi levado para comício de Flávio Bolsonaro; preces em sua intenção têm sido estimuladas em redes sociais.

Presidente do STF, Edson Fachin tem que botar ordem na casa, impedir a partidarização definitiva da corte e de preservar a lisura do processo eleitoral. De cara, deve encontrar uma maneira de suspender o sigilo de todas as investigações capazes de influenciar nosso voto: a democracia brasileira volta a correr risco.

EDITORIAL

Nem a chuva tira o brilho da Cidade do Rock

O Rock in Rio voltou a mostrar por que ocupa um lugar de destaque entre os maiores festivais de música do mundo. Nos últimos dois dias, a Cidade do Rock foi colocada à prova por um dos maiores desafios que um evento ao ar livre pode enfrentar: muita chuva. Ainda assim, quem atravessou os portões encontrou uma estrutura funcionando, atrações acontecendo e, acima de tudo, um público disposto a não deixar que o mau tempo tirasse o brilho da festa.

A cena era emblemática. Por todos os lados, um verdadeiro mar de capas de chuva tomava conta da Cidade do Rock. Milhares de pessoas enfrentavam a água para acompanhar seus artistas favoritos, circular pelos espaços e viver a experiência que vai muito além dos palcos. A previsão já indicava a possibilidade de tempo severo, mas nem mesmo a chuva foi capaz de afastar o público. A Cidade do Rock permaneceu lotada, revelando a força de uma marca que há décadas faz parte da história do entretenimento mundial.

É justamente em situações como essa que a dimensão de um festival pode ser medida. Organizar um evento desse porte exige planejamento, logística, equipes preparadas e capacidade de resposta diante de imprevistos. Quando a chuva chega, não basta manter os shows. É preciso garantir acessos, circulação, alimentação, atendimento, segurança, limpeza e o funcionamento de dezenas de áreas simultaneamente. E foi isso que o Rock in Rio conseguiu entregar, mantendo a engrenagem do festival em movimento mesmo diante das condições adversas.

A grandeza do Rock in Rio também está na experiência oferecida ao público. A Cidade do Rock reúne música, gastronomia, entretenimento, ativações de grandes marcas e espaços que transformam a passagem pelo festival em uma experiência completa. É uma estrutura que movimenta não apenas os fãs, mas toda uma cadeia de profissionais, empresas e serviços, reforçando a importância do evento para o Rio de Janeiro.

Não é por acaso, portanto, que o Rock in Rio é reconhecido internacionalmente. Sua dimensão não se resume ao tamanho dos palcos ou à quantidade de atrações. Está na capacidade de reunir multidões, receber grandes nomes da música e, ao mesmo tempo, sustentar uma operação gigantesca diante dos desafios. Nos últimos dias, a chuva serviu como um teste. E, com a Cidade do Rock cheia, o festival mostrou mais uma vez que sua força está justamente em transformar obstáculos em parte da própria experiência. É essa capacidade que ajuda a explicar por que, mesmo depois de tantas edições, o Rock in Rio continua sendo um dos grandes acontecimentos do calendário mundial da música.

OPINIÃO DO LEITOR

Período de seca

Brasília passa por um período de seca. Por isso, é preciso ficar atento aos riscos à saúde e manter-se sempre hidratado. Cuide-se.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal